



PENGUIN



CLÁSSICOS

EÇA DE QUEIRÓS

CONTOS



JOSÉ MARIA DE EÇA DE QUEIRÓS nasceu na Póvoa de Varzim em 1845. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, muda-se para Lisboa em 1866, onde exerce advocacia e colabora, como jornalista, em vários periódicos. O seu forte interesse pela literatura e o modo crítico como encarava o país e as suas instituições levam-no a aproximar-se de um movimento de ativos intelectuais de Coimbra comprometidos com a urgente reforma social e artística do país. Ficariam para a História como a Geração de 70, responsável pela introdução do Realismo na cena artística e literária portuguesa. Em 1871, participa nas famosas Conferências do Casino Lisbonense com uma comunicação intitulada «O Realismo como nova expressão da Arte», aproximando-se assim da estética realista-naturalista, que viria a marcar indelivelmente o estilo e a temática das suas obras. Em 1873, ingressa na carreira diplomática, que o levará, primeiro, a Cuba, e, mais tarde, a Inglaterra e França, com o cargo de cônsul de Portugal. Embora tivesse já publicado *O Mistério da Estrada de Sintra*, em conjunto com o seu amigo Ramalho Ortigão, nas páginas do *Diário de Notícias*, foi fora do país, distante e sempre crítico, que produziu os seus maiores e mais famosos romances. *O Primo Basílio* (1878), *O Crime do Padre Amaro* (1880) e *Os Maias* (1888), obras incontornáveis da literatura mundial, são apenas alguns exemplos da famosa prosa queirosiana, irónica, contundente, vibrante, legado daquele que é considerado um dos maiores escritores portugueses de sempre. Eça de Queirós morreu, em 1900, em Paris.

MARIE-HÉLÈNE PIWNIK é professora catedrática emérita da Université de Paris-Sorbonne/Paris IV. Obteve o Doctorat d'État em 1985 na Université de Paris III-Sorbonne Nouvelle, com a tese *Échanges érudits dans la Péninsule Ibérique au XVIII^{ème} siècle (1750-1767)* (Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1987). No domínio dos estudos queirosianos, é autora de várias dezenas de artigos e comunicações, privilegiando a última fase da escrita de Eça e também os contos, cujas edições críticas publicou, na Imprensa Nacional-Casa da Moeda (*Contos I*, 2009; *Contos II*, 2003). Um conjunto dos seus ensaios queirosianos foi reunido no volume *Eça de Queiroz revisitado. Propostas de leitura* (Guimarães, Opera Omnia, 2012).

CARLOS REIS é professor catedrático emérito da Universidade de Coimbra, sendo especialista em Estudos Narrativos e em Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX, sobretudo no domínio dos estudos queirosianos. Autor de mais de trinta livros (último em data de publicação: *Diálogos com Lídia Jorge*, 2025), ensinou em universidades da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Dirige a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós e coordenou a *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Foi diretor da Biblioteca Nacional, reitor da Universidade Aberta e presidente da Associação Internacional de Lusitanistas e da European Association of Distance Teaching Universities. Foi distinguido com os prémios Jacinto do Prado Coelho (1996), Eduardo Lourenço (2019) e Vergílio Ferreira (2020).

ÍNDICE

| | |
|--------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | vii |
| Contos | 1 |
| AS MISÉRIAS | 3 |
| FARSAS | 13 |
| O RÉU TADEU | 23 |
| O MILHAFRE | 41 |
| O SENHOR DIABO | 49 |
| ONFÁLIA BENOITON | 63 |
| MEMÓRIAS DUMA FORÇA | 75 |
| A MORTE DE JESUS | 85 |
| SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA | 133 |
| UM POETA LÍRICO | 161 |
| NO MOINHO | 173 |
| OUTRO AMÁVEL MILAGRE | 185 |
| CIVILIZAÇÃO | 191 |
| A AIA | 217 |
| AS HISTÓRIAS. O TESOURO | 225 |
| AS HISTÓRIAS. FREI GENEPRO | 233 |
| O DEFUNTO | 243 |
| ADÃO E EVA NO PARAÍSO | 275 |
| A PERFEIÇÃO | 307 |
| JOSÉ MATIAS | 327 |
| O SUAVE MILAGRE! | 351 |
| APÊNDICE: UM MILAGRE | 361 |
| NOTAS | 363 |

INTRODUÇÃO

1. No início de 1874, foi publicado o *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Conforme o título indica, o *Brinde* era uma espécie de recompensa de fidelização oferecida aos leitores que, assinando o jornal (neste caso, no ano anterior), ajudavam a sustentar a sua existência. Aquilo que nesta oferta encontramos é, singelamente, um conjunto de textos da autoria de nomes hoje esquecidos do grande público (Mariano Froes, Oliveira Pires, Gomes Leal, Eduardo Coelho), com uma exceção: Eça de Queirós.

Contando então menos de 30 anos (nascera em 1845), Eça era ainda, para todos os efeitos, um novato na vida literária de então, embora não propriamente um desconhecido. Em todo o caso, era esta a primeira vez que um texto só de sua autoria surgia em volume, mesmo que de reduzida dimensão e acompanhado por outros autores. A colaboração em causa não era outra senão o conto «Singularidades de Uma Rapariga Loura», um relato relativamente extenso que ocupava um pouco mais de 30 páginas do total. Ou seja, quase um quarto do livrinho.

Disse-se e pormenoriza-se agora: o jovem Eça que ali assinava um conto já admirável, apesar de algumas fragilidades e estranhezas de estilo, vinha de uma iniciação na *Gazeta de Portugal*, de 1866 e 1867; passara, como redator e editor, pelo *Distrito de Évora*, na primeira metade de 1867; contribuía, em 1869, para a criação do poeta imaginário Carlos Fradique Mendes, juntamente com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis; escrevera a quatro

mãos (com Ramalho Ortigão) *O Mistério da Estrada de Sintra*, romance policial e paródico de 1870, como folhetim do *Diário de Notícias*; proferira uma das subversivas e polémicas Conferências do Casino, em 1871. Neste último caso, um aguerrido Eça de Queirós tratava de afirmar a necessidade e a legitimidade cultural do realismo, em termos que se projetam na conceção e na escrita de «Singularidades de Uma Rapariga Loura».

2. Antes de algumas breves considerações sobre este conto, convém lembrar duas coisas. Primeira: o escritor em formação que Eça então era havia já iniciado uma ligação estreita com a imprensa, conforme se percebe pelo que ficou dito. Não foi só na *Gazeta de Portugal* que começou a revelar-se o contista que neste volume leremos. Também no *Distrito de Évora* e n’*A Revolução de Setembro* apareceram contos queirosianos, por sinal deixados incompletos e aqui presentes também, apesar dessa incompletude: «O Réu Tadeu» e «A Morte de Jesus».

Era assim que acontecia: muitos escritores encontravam na colaboração com jornais e com revistas não só um espaço de contacto regular com o público, mas também um meio de conseguir proventos económicos, numa altura em que a escrita literária ia sendo, para alguns (por exemplo, Camilo Castelo Branco), uma ocupação profissional. No caso de Eça, a escrita ficcional (contos, mas também romances em folhetim) destinada à imprensa portuguesa e também brasileira prolongou-se praticamente até ao fim da vida literária do grande escritor: em 1897, encontramos-lo como colaborador muito ativo na *Revista Moderna*, que acolheu alguns dos mais importantes contos de Eça de que aqui se falará: «A Perfeição», «O Suave Milagre» e o admirável «José Matias».

Segunda coisa a notar: «Singularidades de Uma Rapariga Loura» constitui, de facto, uma mudança clara, em termos temáticos e na forma de narrar. Isto torna-se evidente, quando lemos relatos anteriores, em particular aqueles que mais tarde foram inseridos no volume póstumo *Prosas Bárbaras* (de 1903) e onde não há apenas contos; provêm esses relatos de juventude de um

impulso e de um temperamento literário em que temas, motivos e figuras de um certo romantismo tardio revelam uma presença forte.

3. Em «Singularidades de Uma Rapariga Loura», Eça de Queirós monta uma situação narrativa que mais tarde repetirá, de forma refinada, no conto «José Matias». Especificando: durante uma viagem e quando pernoita numa estalagem, um viajante anónimo dialoga com um companheiro de jornada, de nome Macário; é este que, num impulso inesperado, conta àquele desconhecido e confidente de circunstância uma história de amor infeliz, protagonizada por Luísa, a rapariga loura anunciada no título do conto. Assim, aquele homem «alto e grosso» e já maduro, com «uma calva larga, luzidia e lisa», explica como, muitos anos antes, conheceu uma jovem a cujos comportamentos *singulares* não prestou atenção, enlevado como estava numa vivência amorosa sem reservas. A singularidade torna-se, contudo, flagrante e mesmo chocante, quando a rapariga loura mostra ser uma ladra compulsiva ou talvez cleptómana, um distúrbio identificado e descrito desde o princípio do século XIX. A rutura é inevitável: «— Vai-te!», exclama Macário, quando Luísa rouba um anel. E para terminar: «— És uma ladra.»

Importa notar que encontramos aqui uma representação do real e das suas figuras em que se evidenciam procedimentos de observação que visam pessoas, cenários sociais e fenómenos psicológicos. Por exemplo: a história não se inicia sem que se esboce o retrato já relativamente minucioso de Macário (do narrador que reporta o que ouviu pouco se sabe), um retrato que é físico, mas também temperamental: «Os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e retidão.» A isto junta-se a atenção merecida por objetos que, por inferência, anunciam tipos sociais: no calçado deixado às portas dos quartos da estalagem, o narrador vê «os sapatos brancos de um caçador», logo a seguir, «botas de proprietário, de altos canos vermelhos», daí passa às «botas de um padre, altas, com a sua borla de retrós». E assim por diante.

Do mesmo modo, a infeliz história do amor fracassado de Macário não dispensa o desenho de ambientes e de hábitos sociais que o narrador situa num tempo histórico difuso, mas, ainda assim, suscetível de identificação: os serões em que o jovem enamorado se encontra com a amada Luísa decorrem quando «começavam [...] a aparecer as primeiras audácias românticas»; essas «audácias» convivem com as derradeiras manifestações dos protocolos e dos temas poéticos provindos do século XVIII. Tudo isto sem excluir a configuração de personagens que, nos tais serões, trazem consigo o sopro revolucionário dos inícios do século XIX. É isso que leva «o terrível Gaudêncio, democrata de 20 e admirador de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Macário: — Reis-víboras!».

Podemos afirmar que, com este conto, Eça de Queirós está convertido ao realismo? E alguns pormenores que nele se encontram — por exemplo, a atenção dada ao que parece ser uma perturbação psicológica e as referências à educação e à hereditariedade — traduzem já o aprofundamento naturalista da escrita narrativa queirosiana?

Mesmo sabendo-se que as mudanças, num escritor ou num campo literário, não se operam por saltos bruscos, parece certo, face ao que fica dito, que «Singularidades de Uma Rapariga Loura» traz consigo uma atitude literária orientada para uma conceção reformista e crítica do papel social da literatura. Uma atitude muito próxima dos romances queirosianos dos anos 70 e 80 e que explica até a extensão do conto que foi comentado e que poderia ser ampliado para a dimensão de um romance. Nada que Eça não tivesse feito mais tarde, como veremos, ou que não tivesse podido levar a cabo com o também extenso «A Morte de Jesus», que ficou incompleto.

4. Em todo o caso, deve dizer-se que, quando escreve contos, Eça de Queirós revela um domínio pleno deste género narrativo; por isso, ele é, sem grande contestação, o nosso mais admirável cultor deste tipo de relato. Sendo mais complexo do que aquilo

que poderia pensar-se, com frequência o conto impõe-se, na vida literária dos escritores, como gênero de iniciação ou de tratamento embrionário de temas e de personagens mais tarde eventualmente aprofundados em romances.

Antes de exemplificarmos esse procedimento expansivo (que Eça cultivou), sublinhe-se o seguinte: o conto é um relato relativamente breve, onde se narra, de forma concentrada, uma história que envolve um número em geral pequeno de personagens (como em «No Moinho» ou em «Um Poeta Lírico»), decorrendo num tempo também não muito alargado. Sendo caracterizado sobretudo por comparação com o romance, ele merece a designação, em inglês, de *short story*, assim se realçando a brevidade da história narrada e até o seu modo e lugar de publicação. O que se verificou com contos queirosianos foi que essa publicação podia ocorrer em revistas ou em jornais (é o caso dos primeiros contos, na *Gazeta de Portugal*; ou «A Perfeição» e «José Matias», cada um deles em diferentes números da *Revista Moderna*). Também aconteceu, contudo, que a configuração material de um jornal obrigasse a seccionar o relato; foi assim com «O Defunto», ao longo de 10 números da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, o que também contribuía, até pela feição da ação contada, para fidelizar os leitores.

No conto em geral e no conto queirosiano em particular, é muitas vezes visível uma espécie de unidade de efeito que se representa, em paralelo, no domínio temático. Como quem diz: um conto dificilmente contempla a pluralidade de temas que lemos num romance, pelo princípio da concentração que o distingue. Acontece até que, nalguns dos contos de Eça, a unidade temática está, desde logo, anunciada no título: «Civilização» e «A Perfeição» dizem-nos, de imediato, ao que vêm, pelo vocábulo que os intitula. Por sua vez, «O Senhor Diabo», «Onfália Benoiton» ou «José Matias» sugerem, por estas denominações, a evidência assumida por uma só personagem e não por um universo alargado de personagens, como acontece em muitos romances

(caso significativo: a vasta galeria humana d'*Os Maias*). Coisa diferente é reconhecermos que a edição póstuma dos *Contos de Eça*, reunidos sem prévia intervenção do escritor, traduz os movimentos de uma certa evolução literária, mas não necessariamente unidade temática. As circunstâncias daquela publicação dificilmente poderiam resultar noutra coisa.

Entretanto, o contista Eça de Queirós não se manifesta apenas no quadro formal do género que aqui está em causa. Noutros termos: ele não contemplou o conto apenas como tal e circunscrevendo-se aos estritos protocolos deste género narrativo. Por vezes, a crónica obedece à lógica contística, do mesmo modo que esta atinge e penetra algumas cartas do escritor. Como se fosse inerente ao seu labor de escrita narrar histórias (histórias breves, entenda-se), Eça compõe um verdadeiro conto, quando, na crónica «No mesmo hotel» (inserta na *Revista Moderna*, em setembro de 1897), evoca o episódio sinistro do assassinato do político espanhol Cánovas del Castillo, às mãos de um anarquista italiano. Por outro lado, numa carta a Oliveira Martins (de 19 de setembro de 1888), cuja origem é a burlesca entrada (ou o seu impedimento...) do escritor-diplomata no consulado de Paris, o autor da carta não resiste a transformar os incidentes a que se refere num pequeno conto — e bem cómico, por sinal. Do mesmo modo, o epistolário ficcional que se encontra n'*A Correspondência de Fradique Mendes* inclui, num quadro de desenvolvimento marcadamente narrativo, aproximações contísticas tão evidentes como a que lemos na carta VI, a Ramalho Ortigão, incidindo sobre um caso de adultério.

5. Por aquilo que acaba de ser exposto, percebe-se que o culto do conto, por parte de Eça de Queirós, é uma atividade dinâmica. Ela dialoga, em diferentes tempos e contextos, com vários aspetos da sua escrita, seja ela estritamente literária, seja de outra natureza.

Uma outra forma e não menos expressiva de desenvolver aquele diálogo processa-se através das relações que observamos entre alguns dos contos queirosianos e os romances do autor.

Dito de outra maneira: vários daqueles contos evidenciam opções temáticas e também quanto ao modo de narrar que apontam para o que se lê em conhecidos títulos da produção romanesca de Eça e das respetivas motivações. Um primeiro exemplo: em 1870, foram inseridos, em sucessivos números do jornal *A Revolução de Setembro*, vários capítulos de um relato já consideravelmente extenso, intitulado «A Morte de Jesus», e que, como se disse acima, não chegou ao final. Nunca se saberá se isso aconteceu porque o escritor não pôde (ou não quis) completar o seu trabalho ou se simplesmente preferiu guardar a continuação do que estava escrito para outra empresa, podendo esta ser a composição de um romance. Desde logo pensamos, é claro, n' *A Relíquia*.

Sendo a primeira hipótese a mais plausível, acrescenta-se que «A Morte de Jesus» foi, no plano literário, um dos resultados da viagem de Eça ao Egito e à Palestina. As datas de publicação não enganam: o então jovem escritor viajou no final de 1869, tendo inclusivamente testemunhado a inauguração, em 17 de novembro, do Canal de Suez. Daí resultaram crónicas de viagem, publicadas no *Diário de Notícias* em janeiro do ano seguinte, bem como notas e relatos incipientes que deram lugar, entre outros, a uma muito imperfeita recolha concretizada no volume póstumo *O Egito. Notas de Viagem* (1926). Antes disso, foram retomados, n' *A Relíquia*, cenários, figuras e vivências que encontramos n' «A Morte de Jesus», ainda que num tom e num contexto bem diferentes. Em todo o caso, a relação entre todos estes textos não pode ser ignorada.

N' «A Morte de Jesus», a história contada provém de uma situação com forte carga romântica. Num breve texto inicial (que devemos, é claro, atribuir à inventiva de Eça), datado de 1 de dezembro de 1869, no Mediterranean Hotel, em Jerusalém, é-nos dito que o que se seguirá tem origem num acaso: «Encontrei este velho manuscrito copiado, num latim bárbaro, do antigo papiro primitivo.» A narração é atribuída a um tal Eliziel, antigo capitão da polícia do Templo de Jerusalém, que assistiu aos últimos tempos

e episódios da vida de Jesus. Nos dias que antecedem a paixão e morte, Eliziel chega a dialogar com o chamado Rabi de Galileia, e desafia-o a que empreenda uma ação social e mesmo política em sintonia com a mensagem de justiça e de solidariedade que ele prega. Sem êxito. Tal como n’*A Relíquia* e, bem mais tarde, no conto «O Suave Milagre», Jesus mantém-se fiel ao princípio enunciado quase no final d’«A Morte de Jesus»: «O meu reino não é deste mundo.»

Existe uma ligação entre «No Moinho» e *O Primo Basílio*, mas de outra ordem. Trata-se agora de um conto originariamente publicado no jornal *O Atlântico*, a 28 de abril de 1880, ou seja, já depois da primeira edição daquele romance, em 1878. De qualquer forma, para além de sempre podermos conjeturar que a história da protagonista Maria da Piedade teria sido escrita (e guardada) antes daquela que envolve Luísa e Basílio, verificamos, isso sim, que o tema do adultério feminino reaparece agora, associado a uma preocupação social e moral. Com efeito, estão em causa, de novo, a imaginação e a sentimentalidade da mulher, alimentadas por leituras românticas que condicionam as frustrações da vida doméstica e conjugal. No final, fica demonstrada a tese equacionada, num processo argumentativo semelhante ao dos romances de adultério: «E o romanticismo mórbido tinha penetrado tanto aquele ser, e desmoralizara-o tão profundamente que chegou ao momento em que bastaria que um homem lhe tocasse, para ela lhe cair nos braços.»

Um último exemplo da interação dos contos de Eça com outros contos e com romances da sua produção literária. Em 1892, o jornal carioca *Gazeta de Notícias* ofereceu aos seus leitores, em sucessivos números do mês de outubro, «Civilização». Desde logo e numa primeira leitura, o conto em apreço remete para «A Perfeição» (na *Revista Moderna*, de 15 de maio de 1897), como reflexão sobre a seguinte questão: pode a felicidade ser conseguida, quando se dispõe de tudo, em termos materiais, para que isso aconteça? A história de Ulisses retido em Ogígia pela sedução

da deusa Calipso responde a esta interrogação, quando o herói parte e, «com um brado magnífico», exclama: «— Oh Deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!»

São de outra feição, mas não menos perturbadoras, as perfeições de que Jacinto dispõe em «Civilização». Vivendo num palácio, o Jasmineiro, em que tudo está preparado para assegurar uma existência venturosa e superiormente civilizada, o protagonista não se liberta dos males do tédio e do pessimismo, porque, nessa sua existência, tudo falha e tudo o desencanta: «E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do *Eclesiastes*.» Conforme conta o amigo José, que aqui assume o papel de narrador, a vitalidade e a saúde existenciais só se atingem quando Jacinto reencontra a simplicidade e a autenticidade das coisas naturais, em Torges, no Norte de Portugal. A relação com *A Cidade e as Serras* é evidente, mas devemos ter em conta que, no romance publicado um ano depois da morte do autor, a antítese que leva à libertação aprofunda-se: ela não se dá apenas entre a cidade e o campo, mas também entre o estrangeiro e Portugal. Como se sabe, o Jacinto d’*A Cidade e as Serras* vivia em Paris, no meio de uma requintada, avançada e também atrofiante civilização, cujas proezas e supostos benefícios são muitas vezes parodiados pelo narrador Zé Fernandes.

6. Do conjunto dos contos de Eça de Queirós, sobressaem, naturalmente, alguns cujo significado temático, vínculos literários ou configuração formal justificam um tal destaque. Para além daqueles de que aqui já se falou, outros devem ser postos em evidência, sem que com isso se pretenda estabelecer um núcleo, digamos, canónico.

Um dos contos em causa é «Um Poeta Lírico», originariamente publicado no jornal *O Atlântico*, de 28 de março de 1880, quando Eça estava no momento mais agudo da sua militância naturalista e antirromântica. Narra-se ali, com o talento para a concentração narrativa que este tipo de relato exige, a triste história amorosa e literária de uma figura que revela algumas afinidades

com outra personagem de que se falará a seguir: José Matias. Antes disso, cabe dizer que, no conto agora em apreço, é desenhado o retrato físico e psicológico de Korriscosso, um poeta grego exilado em Inglaterra, condição a que foi levado por desventuras amorosas e políticas. Curiosamente, não é só pela componente do amor idealizado que o protagonista antecipa «José Matias»; a situação comunicativa instituída é também semelhante à desse outro conto a vir e prolonga o que encontrámos em «Singularidades de Uma Rapariga Loura».

Quem relata a história de Korriscosso começa por ser Braccolletti, figura bizarra e moralmente duvidosa, cujo perfil o narrador principal rapidamente (e admiravelmente) esboça. Depois, é o próprio poeta exilado — o escritor como personagem é um motivo queirosiano recorrente — quem, em jeito de autobiografia lacunar, deixa de si mesmo a imagem que o narrador principal vai transmitindo, em jeito conversacional («creio que lhes disse, era domingo»). Um aspeto físico esguio e deslelegante, um temperamento romântico levemente caricaturado, um destino individual infeliz, alguns traços caracterizadores do ambiente sombrio da grande cidade (Londres), também breves, mas expressivas alusões ao sentido da decadência da civilização grega, tudo isso se junta em torno do eixo de sentido que domina o conto: a irresolvida tensão entre uma visão do mundo idealista e as duras constrições da matéria que oprime uma sensibilidade incompreendida.

O conto «José Matias» não anda longe de alguns destes sentidos. Sem exagero, ele pode ser considerado um dos mais admiráveis textos da produção narrativa queirosiana e da contística portuguesa, em geral. Antes de tudo, cumpre dizer que se estabelece neste conto uma situação narrativa assente na prática do diálogo e da indagação. Quem conta — um narrador anónimo — dirige-se a quem escuta, numa circunstância incomum e dolorosa: trata-se de acompanhar o funeral do protagonista e de traçar o seu retrato, um retrato que é físico, mas também psicológico

e amoroso. A voz e as falas do ouvinte não constam da narração, mas, pelas reações de quem relata, escutamos momentâneas interrogações: «O sujeito de óculos de ouro, dentro do *coupé*?... Não conheço, meu amigo.»

Numa tipoia a caminho do cemitério, ao mesmo tempo que reconstitui, para quem o acompanha, o trajeto de vida do amigo desaparecido, o narrador caracteriza-o numa relação de contraste com a mulher amada, a «divina Elisa». Desse modo, no quadro de uma dialética que se vai desenvolvendo durante a curta viagem e por meio da conversa que nela tem lugar, desvela-se o idealismo amoroso que caracteriza José Matias, em harmonia com o pensamento e com a prática espiritualista que o regem: «O amor espiritualiza o homem — e materializa a mulher», diz o narrador. E acrescenta: «Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista.»

Assim, a ação do conto sugere uma deriva que contrasta, por divergência e por paradoxo, com o entendimento do amor como relação física e social, orientada para o casamento e não raras vezes induzindo juízos e consequências negativas que desqualificam e punem a mulher (Amélia, Luísa, Maria da Piedade, Gracinha Ramires, personagens de outros textos de Eça). Em oposição a isso, José Matias cultivava um sentimento amoroso que, pela feição idealista e anacronicamente neoplatónica de que se reveste, acaba por destruí-lo, sem por isso redimir moralmente a mulher. O que leva a pensar que, também desse modo, a relação masculino-feminino encerra elementos de degradação humana; assim se lança sobre o amor, seja qual for a sua conformação, uma dúvida e até um ceticismo aparentemente sem solução.

O relato que se desenrola neste conto traduz a busca incessante de um conhecimento a atingir, sem que essa busca resulte numa conclusão irreversível. Longe das certezas que o naturalismo dos anos 70 e 80 lhe transmitira, Eça encerra o conto sob o signo da dúvida, como se a narrativa estivesse destinada a ser uma indagação sem fim. Perguntas quase finais do amigo de José Matias, evocando

o momento da morte: «Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer enfim imortal e livre?» E logo depois: «O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.»

De outra natureza, mas não menos impressionante, nos seus mais densos significados, é o conto «Adão e Eva no Paraíso». Trata-se agora de uma extensa reconstituição da criação do Homem, desenvolvida em função de duas vias de aproximação daquela que é certamente o mito fundacional mais remoto da chamada civilização ocidental.

Uma dessas vias, provinda do pensamento de Darwin, mas com antecedentes e interpretações várias, explica a existência, a conformação humana e as suas transformações como descendência a partir dos grandes símios. Diz-se no conto que tudo começou quando «certo Ser», desprendendo-se da árvore, «ficou ereto [...] e sentiu a sua dissemelhança da Animalidade». O longo processo de evolução que leva à «obra imensa da [...] Humanização» não dispensa, pela tal segunda via de ponderação, uma presença silenciosa que é também a da lição do Antigo Testamento: «Deus, pensativo, contempla o crescer da Humanidade». Isso não chega, todavia, para anular aquela primeira (e aparentemente dominante) explanação da génese do Homem e também da Mulher, neste caso como companheira operosa e solidária. É essa «Mãe venerável» que «cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da Humanidade».

7. Os contos «José Matias» e «Adão e Eva no Paraíso» foram publicados em 1897 e pertencem àquele tempo literário queiro-siano a que se tem chamado o do «último Eça». E assim, na escrita contística, como na das crónicas para a imprensa e na composição dos derradeiros romances (em particular *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*), revela-se-nos uma visão do mundo em que avultam temas e valores que definem este Eça de fim de século. O idealismo amoroso de Matias (lembrando

o neoplatonismo de Fradique Mendes) e a descrição da origem biológica e social da espécie humana, temperada pela mensagem bíblica, fazem parte desse tempo finissecular.

Como é evidente, este Eça de que agora falamos está já (e naturalmente) distante do Eça naturalista e reformista, assim configurado pela receção do ideário de Proudhon e pela leitura de Dickens, de Balzac, de Flaubert e de Zola. Mais longe do que esse, ficara o jovem que se estreou nas páginas da *Gazeta de Portugal* e do *Distrito de Évora*, em 1866 e 1867. É aí que assoma o Eça contista; por isso, vale a pena recuar, ainda que de forma sintética, à surpreendente e quase escandalosa, na época, produção literária dessa figura excêntrica que Jaime Batalha Reis, na introdução à primeira edição do volume *Prosas Bárbaras*, retratou assim: «Uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se me mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado.»

O primeiro conto queirosiano desse tempo aparece na *Gazeta de Portugal* e intitula-se «As Misérias. I — Entre a Neve». Relata-se nele a história de um pobre lenhador que, num cenário de sombria pobreza e abandono, se embrenha na floresta, até desaparecer, sob a neve que cai. Os contos seguintes — «Farsas», «O Milhafre», «O Senhor Diabo», «Onfália Benoiton» e «Memórias duma Força» — confirmam a opção por temas mórbidos, por figuras marcadas pela estranheza e pela subversão moral, pela atração pela morte e pelo mal e também pela disrupção dos valores burgueses contestados por uma cosmovisão ainda romântica. Já, entretanto, no conto incompleto «O Réu Tadeu» (publicado no *Distrito de Évora*), mesmo reaparecendo alguns daqueles temas, começa a manifestar-se uma certa inclinação para o envolvimento social das figuras e das ações. Entretanto, a tendência assim esboçada só se afirma plenamente na década de 70, quando o realismo e o naturalismo alimentam uma conceção da literatura e da arte como instrumentos de reforma social. Os contos «Singularidade

de Uma Rapariga Loura» e «No Moinho» estão, em boa parte, alinhados com aquela conceção.

8. Fica claro, então, que o Eça finisse secular percorreu um longo caminho, até chegar à fase mais fecunda da sua escrita contística, já na derradeira década do século XIX.

Numa breve referência a contos que ainda não foram aqui mencionados, deve notar-se, antes de mais, que, nalguns deles, estão representados cenários, figuras e ações medievais ou, pelo menos, provindas de um passado remoto. Nalguns casos, eles valem como parábolas cuja moralidade atravessa os tempos e chega ao presente do leitor. É esse o caso d'«A Aia», título atribuído ao que foi designado, na publicação original (*Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, a 2 e 3 de abril de 1893), como «Tema para Versos». Trata-se de uma história lendária, de lealdade e de abnegação, em que uma pobre aia sacrifica o seu próprio filho, para proteger o príncipe que lhe estava confiado.

Diferente daquela «lenda de alma», mas convergindo com ela no tocante à violência sanguinária dos costumes, «O Tesouro» conta um episódio de ambição e de feroz traição, passado no reino das Astúrias e vivido por três irmãos em miséria material e moral. Já «O Defunto» tem data expressa: o ano de 1474, «reinando em Castela el-rei Henrique IV»; trata-se agora de uma história de amor impossível e de ciúme vingativo, sendo este resolvido pela intervenção de um enforcado, na atmosfera tétrica que fora cultivada pelo jovem Eça. Em «Frei Genebro», o despojamento franciscano e a busca da «perfeição em todas as virtudes evangélicas» regem a vida de sacrifício e de solidariedade humana do protagonista; e contudo, mesmo aquelas virtudes não anulam a fraqueza humana e a sua condenação, tudo em sintonia com a temática da santidade que Eça de Queirós modelou nas suas *Lendas de Santos*, de publicação póstuma.

A exaltação do exemplo de dedicação aos que sofrem inspira o modo como o escritor recupera a mensagem original do cristianismo. Longe dos tempos de agreste crítica anticlerical (mas não

anticristã), Eça apresenta-nos agora a figura de um Jesus que se afasta dos poderosos e cuida dos fracos e desprotegidos. O conto «O Suave Milagre», de 1898, ficou como emblema expressivo desta apologia da autenticidade cristã e regista duas versões prévias: «Outro Amável Milagre» e «Um Milagre» (ambas constam da presente recolha).

9. A publicação deste volume dos *Contos* de Eça de Queirós (o título foi atribuído pelo primeiro editor) pode ser considerada um marco importante, na história editorial do grande escritor. Com efeito, usualmente os *Contos*, a partir da seleção de Luís de Magalhães, deixavam de fora os relatos insertos na *Gazeta de Portugal* e no *Distrito de Évora*, relatos que agora são recuperados; o mesmo acontece com as versões, por assim dizer, preparatórias d'«O Suave Milagre» (mas não com o seu apêndice), que constam da edição que aqui serve de referência: a que foi preparada por Marie-Hélène Piwnik para a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, pela Imprensa Nacional. Àquela prestigiada estudiosa da obra queirosiana é devido, por isso, um agradecimento, que se estende à editora, pela cedência dos textos e das respetivas matrizes informáticas.

Carlos Reis

Contos

AS MISÉRIAS

I — ENTRE A NEVE

(A Anselmo de Andrade)

O lenhador, pela madrugada, ergueu-se da enxerga e acendeu a candeia.

Junto da lareira, engelhado nos frios, cavado de magrezas, dormia um rapaz enrodilhado nos farrapos de uma manta. O pobre lenhador desfalecia de febre: até ao anoitecer da véspera andara pelo negro mato, e depois nem teve um magro caldo, junto das sonolências da lareira.

Iam grandes neves pelos montes, e o triste tinha filhos pequenos, que à noite quando rezavam, todos arrepiados e magros, em redor da mãe, sufocavam-se no choro da fome: por isso àquelas horas, por entre nevoeiros moles, ele ia pelos montes, pelas colinas, pelos pinheirais, rachar, cortar e desramar, aos ásperos ventos, na grande neve silenciosa.

O rapaz dormia com os pés inteiriçados e todos brancos da lama seca: tinha os grandes cabelos espalhados, e branco tinha o peito. A um canto sobre esteiras bolorentas, cobertas com o saio da mãe as duas crianças dormiam com os cotovelos arroxeados — dissolvidas no sono dos frios e das fomes: o lenhador tirou a jaleca que levava para os montes, embrulhou-lhes os pés duros, pesados dos longos esfriamentos, e com a candeia foi debruçar-se sobre a enxerga onde dormia a mulher: ela tinha o corpo colado ao fraco calor da enxerga como a um seio amado; os braços, caídos e frouxos como os de uma mulher estéril; os seus

cabelos negros espalhavam-se tristemente pela enxerga como um luto; e a manta esburacada modelava a forma casta e fecunda dos seus peitos.

Então o lenhador tomou o machado negro e o feixe rijo das cordas, cobriu-se com o capuz de saragoça e foi-se lento, esfomeado e magro, pelos grandes caminhos, duros, lívidos e cobertos de névoas.

O seu casebre ficava perdido, ao pé dos montes, longe dos povoados, entre umas poucas de árvores que erguiam para o ar os seus braços negros, descarnados, nus e suplicantes.

Ali vivia aquela família húmida dos frios, emagrecida das fomes, diante da neve e dos Invernos, com os peitos cheios da religião do Sol, das searas, e das fecundidades sonoras e alumiadas — como coisas flamejantes e divinas, que estão tão longe como Deus, inacessíveis, na poeira da luz, entre os paraísos. O pai ia todos os dias para os grandes montes lidar entre a ramaria: a mulher em casa cosia os farrapos ao pé da lareira sem lume, e ao anoitecer ia para junto da porta desconjuntada dos ventos, gretada dos frios, ver se pelos atalhos enevoados, via chegar o marido lento, curvado sob os grandes feixes de lenha.

O lenhador caminhava para as bandas dos montes.

A madrugada pesava com as névoas, as frialdades e as chuvas desfeitas.

A neve caía, leve. A alma aconchegava-se dentro do seu querido corpo — como num vestido santo, amedrontada pela dureza sobrenatural das coisas. Porque toda aquela natureza tinha estranhas barbaridades.

Os caminhos tinham um chão duro, nevado, opaco. A manhã vinha escura, lenta e lacrimosa como uma viúva à hora dos enterros: e à pouca luz ténue, os pedaços do gelo pendurados dos cardos e das urzes tinham o aspeto frio e podre de farrapos de mortaldas; sobre as árvores imóveis, os pássaros quietos e cheios erraçavam as plumagens aos ventos frios.

As nuvens dissolviam-se pelo ar, cheias de orvalhos estéreis.

O lenhador caminhava frio, rasgando-se nas silvas, cheio da chuva das árvores, pálido como os choupos, roxo, desconsolado e sereno.

Ia lento. Pensava nos lavradores, que àquelas horas nas terras quentes, saem, assobiando, sob a manhã religiosa e alumiada, entre as ervas claras, ao resplandecimento fecundo dos orvalhos, guiando pelos sulcos, enquanto as andorinhas gritam alegres e gloriosas, os bois fortes, lentos e bons. Ele tinha a mulher e os filhos esfomeados no casebre; desfazia-se em lides e em suores, e em cansaços, e nem sempre aquelas faces amadas se enchiam das cores da vida; aquela pobre gente estava sempre amarela: era o frio, era a fome; nem uma manta nova, nem uma pouca de lã: o bom Deus lá em cima parece que está tão bem agasalhado ao calor dos seus paraísos e das suas estrelas, que se não lembra da pobre gente dos campos e dos montes que se arrepia de frio. E havia gente que via sempre os filhos bem quentes e bem corados!

Assim pensava o triste, caminhando, pesado, molhado e todo cheio de coisas dolorosas e mórbidas. A neve vinha descendo como um imenso desprendimento de lãs.

E ele pensava que podia ser um abastado dos campos, e ver à noite em volta da sua lareira flamejante e serena toda a multidão dura dos ceifadores e dos semeadores, com os cabelos caídos, entre os bons risos, em redor da grande tigela de caldo, ao estalido das castanhas, na atitude dos bons e dos simples.

A neve ia caindo direita e vaga: e ouvia-se o rumor — indefinido como de um mar, laborioso como de uma colmeia — das multidões doentias dos pinheiros.

O pobre lenhador olhava em redor as grandes neves extensas, enoveladas nas pedras, esfarrapadas pelos cardos, opacas e estéreis: ele olhava; e às vezes um corvo passando silencioso e noturno, vinha bater o ar em redor dele com uma selvagem palpação de asas.

Começava a espalhar-se o dia. Ele sentia-se só entre aquela natureza inimiga e bárbara; e por vezes o braço enfraquecido da febre vergava sob o machado e as cordas húmidas.

Ele ia entrando pelo pinheiral indolente. O pinheiral era cerrado, e a noite estava ainda no encruzamento das ramagens lívidas. A neve que caía sobre os ramos desfazia-se em orvalho ao calor da seiva.

As árvores estavam como tomadas de um susto religioso.

Quando saiu do pinheiral, em caminho para os montes, ele ia a recordar-se de quando ia para as escamisadas numa aldeia do Sul, e sob a luz apaixonada e melódica das constelações cantava à viola junto da doce rapariga de testa santa e de cabelos cor de amora; e ele, o perdido, amolecia o olhar a esfregá-lo, pela abertura do lenço, sobre a brancura do colo dela!

Hoje, àquelas horas, pensava ele, aquela pobre mulher gemia na sua alma vendo os filhos sem um bocado de pão, andarem pelo casebre húmido, rotos, dependurando-se-lhe das saias gemendo: *mãe! mãe!* E os olhos do pobre tremiam-lhe nas águas do choro.

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

Os velhos carvalhos violentos e proféticos, os choupos desfalecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos grotescos, as ramagens e os silvados erriçados onde o vento brada aflito, todas aquelas verduras vivas e sãs que cantam ao sol no empoeiramento da luz crua, toda aquela sombria Diana esguedelhada que se chama a floresta, dormia sob as opressões da neve, triste, silenciosa — estoica e soberba.

O lenhador com o machado erguido ia por entre a floresta; ele conhecia aquelas estranhas atitudes, aqueles escarpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo o emaranhamento de ramos de folhas donde caem gotas como um eco de chuvas passadas, e todavia ao endireitar-se contra um velho carvalho empalideceu como diante de uma profanação.

O seu coração simples e bom não compreendia, mas sentia aquelas vidas imóveis, silenciosas e sonoras, que são árvores, ramagens, arbustos, eflorescências; ele tinha compaixão dos gemidos dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilaceradas, e sentia que sacrificava ali à fome dos filhos vidas imensas de árvores.

O lenhador atirou o machado negro contra o tronco do carvalho e toda a árvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, estenderam-se pelo tronco como para se verem morrer sem gemidos, num silêncio soberbo e selvagem.

O sol veio lívido, mole, desfalecido. Sem serenidade, sem força, sem vitalidade. Sem ascensão flamejante e sagrada. Névoas arrastadas, escurezas, esvaecimentos lúgubres de nuvens.

Começavam-no a esvoaçar os pássaros, piando tristemente. Toda a floresta chovia abundante e sonora.

E o lenhador com o peito erguido, os cabelos desmanchados, vermelho, trespassado de chuvas, feroz, com o machado erguido nas mãos, com justos e trágicos encarniçamentos, lutava contra os troncos, contra os ramos, contra a inchação das raízes, contra as duras cortiças e os filamentos tenazes; e enchia o chão de ramagens negras, de braços mortos de árvores, caídos e inertes como armaduras vencidas.

Aquelas árvores que tanto tempo levaram a formar-se e a enrijar, e a acostumar-se aos ventos tumultuosos, e a saber agarrar as clinas da chuva, e a enlaçar as moles nudezas das névoas e dos vapores, aquelas árvores cheias das mordeduras de novembro, cheias de legenda e do cheiro das tormentas, encolhiam os ramos num estremecimento medroso quando o machado reluzia lugubrememente no ar.

Ele tinha a camisa solta, a jaleca esfarrapada: os socos imensos faziam covas na neve; e, esfomeado, terrível, ia a grandes passos pela floresta, rasgando os silvados, com respirações imensas, esmigalhando as raízes, envolto em estilhas, em fibras partidas, com gestos trágicos, afastando com o machado o voo dos corvos; e todo cheio dos filhos, torturava as árvores, com golpes flamejantes, gritando-lhes: *covardes!*

Assim lidou sob a neve e o vento, e a chuva, e a humidade, e a febre, e as névoas, e a dor, até ao anoitecer.

Tinha já um monte de ramagens e de lenhas: enfeixou-o nas cordas, duras como os seus braços; encravou no meio o machado:

o feixe enorme estava encostado a um escarpamento de neve; as duas pontas da corda por onde ele o havia de erguer pendiam negras e húmidas; ele curvou-se todo para tomar o feixe sobre as costas largas: mas quando o ia a erguer, lento, e cansado, sentiu os músculos afrouxarem, as mãos esfriarem, subiu-lhe um desfalecimento, e caiu com os cabelos suados e colados à testa, e os dedos inteiriçados esburacaram a neve.

Assim esteve perdido na moleza do esvaecimento, até que abriu os olhos vagarosos, e ficou-se encostado ao feixe, cheio de tremuras e de silêncios.

Vinha-se derramando a noite, desciam as neblinas: todo o ar estava tomado de uma palidez opaca e severa; caía uma chuva desfeita e vaporizada; todo o chão estava pesado de neve.

Ao pé do lenhador estava estendido um grande tronco morto, sem raízes, sem ramagem, sem seiva, engelhado e mordido da neve: por um lado começavam a desfazê-lo os apodrecimentos.

Em redor erguiam-se as multidões de árvores, cobertas de neve, adelgaçadas entre as transparências do nevoeiro, tristes e noturnas como monges brancos.

Ao fundo abria-se uma clareira que deixava ver ao longe a grande luz, que se ia, serena e tímida.

O lenhador tinha o pescoço nu — aos contactos da neve, todo o peito dolorido e ensopado de chuvas; ele agarrou as cordas do feixe e enrijando os músculos, com a face cheia, as fontes inchadas, as grandes veias saídas como cordagens, e as pernas hirtas, violentou o corpo para se erguer — mas caiu sobre a neve, amolecido, deslocado, sufocado, e coberto das friezas húmidas da febre.

Então ficou-se a olhar o tronco esfolhado, nu, coberto de neve e a pensar que o seu corpo ia ali finir-se e dissipar-se entre as podridões dos troncos.

E toda a sua carne foi tomada por uma vibração terrível. Tinham-lhe lembrado os filhos e a mulher, e o pobre pastor que lhe sacudia quando ele entrava a neve dos cabelos e as silvas da jaleca.

A neve caía triste. Àquelas horas ela esperava junto da porta se o via ao longe chegar curvado debaixo dos seus feixes, pelos caminhos brancos e limpos.

Ela estaria com uma mão sobre a umbreira e com a outra agasalhando as crianças nas dobras da saia contra os frios da noite.

E ele estava ali só, esmagado, sob a neve implacável.

E quando o não vissem vir! E ele procurava na memória se já alguma vez teria ficado de noite pelos montes. Nunca.

Se o não vissem chegar iriam todos chorando, e bradando, com a candeia acobertada do vento, procurá-lo pelas urzes sinistras.

Às vezes tomava-o o desvairamento, e via grandes figuras de sombra subirem pelos troncos como um fumo terrível, e sempre aquele enovelamento de semelhanças humanas subia até se perder nas transparências lívidas do ar.

A neve caía como escorrida das nuvens.

E ele pensava, triste, que a mulher e os filhos saberiam a sua morte na neve sob o encruzamento irado das folhagens, e todas as mordeduras da ventania, silencioso e solitário como um lobo!

Então aquele corpo, pisado pela neve, entre as roupas molhadas, enodado, dissolvido nas molezas da névoa, inteiriçou-se; com os olhos flamejantes, os dentes irados, tomado de risos, esfarrapado dos cardos, endireitou-se e sufocado, esguedelhado, hirto, lívido, deu um grito na noite.

Houve um levantamento assustado de pássaros por toda a ramagem escura. E veio um vento e levou nas suas espirais violentas um enovelamento de folhas. E toda a luz do dia se sumiu na clareira. Ninguém havia pelo monte. Estava só. Só. Nem pastores, nem vaqueiros, nem caminheiros perdidos. Só. E iam-se os pássaros, iam-se as folhas, ia-se a luz. Ele ficava só.

Então vendo em redor a floresta solitária e negra, a amon-tação irada das sombras, o esvaecimento lívido dos últimos ramos, as atitudes tenebrosas, as corcovas noturnas das raízes, sentindo ao longe o uivo dos lobos e por cima da cabeça o esvoaçar

dos corvos, estirou-se de bruços e bradou, na noite, sob a neve, e o ruído dos ramos: — Jesus!

E toda a floresta ficou silenciosa, indiferente, soberba; os corvos voaram gritando; ele caiu fraco, desalentado, roto, agonizante, macerado; e de cima o grande céu, o céu justo, o céu sereno, o céu sagrado, o céu consolador cuspiu neve sobre aquela carne miserável.

E ficou inerte. A neve caía desfeita e branca. Estava estirado. Via por cima a grande imobilidade da floresta, os nevoeiros que deixavam cair farrapos que lhe vinham roçar o rosto, e a sombra espectral do feixe de lenha.

Ele sentia o corpo pesado com as dores do frio, e na testa e nos olhos sentia abrasamentos mordentes: e nas costas como uma chaga imensa que tivesse terríveis ardores aos contactos da neve, sob o peso do corpo.

Às vezes soluçava. E quando assim estava viu grandes sombras que lhe esvoaçavam sobre a cabeça e fugiam bradando aflitas, com um terrível ruído de asas, esbranquiçadas da neve, apavoradas, e ferozes.

Eram os corvos. Tremeu todo. Ele entrevia-os já quando eles viessem pousar-lhe sobre o peito, e curvados, batendo as asas, meio suspensos, enterrar-lhe os bicos negros na pobre carne.

Então moveu dolorosamente o braço entorpecido e apalpou em redor: encontrou um ramo solto, negro, espinhoso; lançou-o contra as sombras negras dos corvos; mas ele tinha a mão quase inanimada pelos frios, e o ramo debilmente arremessado veio-lhe cair sobre a face, e rasgou-lhe a carne com os espinhos: mas então as mãos inertes não tiveram força para o tirar.

E pôs-se a chorar. Os corvos voavam terríveis: ele enterrava o pé na neve e atirava-a para o ar, como para os apedrejar. Os corvos desciam.

A neve caía e já lhe cobria as pernas hirtas. Ele então, vendo a floresta que o ensopava de água, o chão que lhe coalhava a vida, o vento que o transia, a neve que o enterrava, os corvos que vinham

comê-lo, todas as hostilidades selvagens das coisas, encheu-se de cóleras, e, silencioso, feroz, com os olhos luzentes na noite, deitou rijamente a cabeça sobre o feixe, e pôs-se a morrer.

Então veio repentinamente um vento imenso: e pareceu ao pobre lenhador sentir naquele vento o som de um choro e uma voz bradando aflita.

O vento era imenso e poderoso: dispersou os corvos; eles balançavam-se nas asas entre os redemoinhos do sopro feroz.

A neve caía. Os corvos assustados pelo vento que viera, pairavam sobre os últimos ramos.

A neve caía: e os braços do lenhador já estavam cobertos, e todo o peito. Os corvos fugiam: e todo o bando aparecia como uma sombra indecisa e pesada.

A neve caía. E estava coberta a garganta do homem e estava coberta a boca.

Os corvos iam-se sumindo nas transparências da noite.

A neve caía indomável e estéril. A testa do pobre estava coberta, e apenas se moviam ainda lentamente ao vento os seus grandes cabelos escuros.

A neve riscava a noite de branco. Ao longe uivavam os lobos.

E a neve descia. As sombras dos corvos sumiram-se para além das ramas negras.

Os cabelos desapareceram. Só ficou a neve!

«Ama o que ela desejar. Serás feliz,
porque a carne nunca quer as penas
dos outros. E a alma nos seus desejos aceita
todos os encargos, até as lágrimas.»

O desfecho desarmante da paixão de Macário por Luísa, a ação trágica de uma aia que protege o seu príncipe, a desumanidade que se instala perante um tesouro encontrado, a queda em desgraça de uma mulher que cede à tentação. Nesta antologia de contos escritos em momentos diversos da sua vida, Eça de Queirós explora uma multitude de universos com impressionante domínio narrativo, sem prescindir do olhar clínico e crítico que caracteriza o conjunto da sua obra. Da hagiografia ao folclore, da lenda à mitologia, o escritor ilude as fronteiras do realismo e imprime às suas histórias inesperadas tonalidades e subtextos, confirmando o virtuosismo de um escritor que nunca abriu mão da convicção no poder transformador da literatura.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S



Edição de Marie-Hélène Piwnik
Introdução de Carlos Reis



Woman with a Parasol –
Madame Monet and Her Son,
1875 (óleo sobre tela),
Claude Monet

© Bridgeman Images

 penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-583-558-4



9 789895 835584